



## A INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL EM BLOGS DE FUNK: ELEMENTOS PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

### GT 39 – Sociologia Digital

**Edvaldo Carvalho Alves – Universidade Federal da Paraíba**

**Jobson Francisco da Silva Júnior – Universidade Federal do Rio de Janeiro**

### 1 INTRODUÇÃO

As mudanças acarretadas pelo fenômeno da globalização, e mais especificamente pela internet, configuram uma sociedade ambienciada informacionalmente, onde informação, nas suas mais diversas formas sociais de manifestação, passou a assumir uma posição de centralidade. A aplicação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na vida cotidiana tem causado uma *overdose* de informações, esse fenômeno pode ter como uma de suas consequências o aumento das expressões culturais e o permanente diálogo entre as diversas culturas, o que resulta no surgimento de novas práticas culturais.

Nesse contexto, o crescimento das TIC não elimina a diversidade das relações sociais, elas tem a potencialidade para

homogeneizar culturalmente quanto contribuir para a resistência e a reafirmação das *identidades já existentes*, produzindo *identidades plurais*, resultados da apropriação e da reelaboração das identidades já existentes (WANDERLEY, 2009, p. 107).

Observamos que no ciberespaço a informação pode se apresentar em uma vasta tipologia, e que em certa medida proporciona uma democratização no seu acesso. Nesse âmbito, voltamos nossa atenção para um tipo específico de

informação, a musical, entendida como todos os aspetos relacionados à música, tanto em seu *nicho* mais técnico quanto em suas relações mais subjetivas, como o discurso das letras (SILVA JÚNIOR, 2010).

A informação musical pode ser um conector entre os (ciber)sujeitos na sociedade contemporânea, uma vez que os indivíduos, segundo Castells (1999) tem a necessidade de se agrupar em torno de identidades primárias, por exemplo, religiosas, étnicas, territoriais musicais, etc. Assim, podemos apontar esse tipo específico de informação como um dispositivo facilitador do processo de construção identitária.

Entendemos a identidade, segundo Conceição e Conceição (2010), como a forma como nos vemos e também como somos vistos, como nos reconhecemos e somos reconhecidos pelos diversos grupos a qual pertencemos, cabe salientar que a identidade é sempre um fenômeno dinâmico e exercemos simultaneamente diversas identidades de formas simultâneas.

Aqui nos interessa de forma particular a identidade étnico-racial, especificamente a identidade negra, cuja a (re)construção/afirmação é uma forma de lutar contra uma ideologia racista que ainda é predominante no Brasil, visto que a população negra é invisibilizada, sendo posicionada nas margens da sociedade e, quase sempre, excluído das políticas públicas e vítima do preconceito, da discriminação e do racismo.

Além da informação musical voltamos nossa atenção também para a informação étnico-racial, definida como

todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico, na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana (OLIVEIRA, 2010, p. 56).

Assim, entendemos que explorar a relação entre produção, apropriação e uso de informação musical e as questões relacionadas à identidade negra contribui para a desconstrução de estereótipos, sendo assim uma forma de luta contra o racismo.

## **2 ABORDAGEM METODOLÓGICA**

Para a discursão de nossa temática optamos por uma abordagem qualitativa, articulada sob a perspectiva da pesquisa social, onde o observador é da mesma natureza que o seu objeto, e ele mesmo faz parte de sua observação

(MINAYO, 1996). Entendemos que a pesquisa social dá uma visão de dupla cultura, uma articulação entre a visão do pesquisador e a do pesquisado.

Nessa direção fazemos uma pesquisa de inspiração netnográfica para a tessitura de uma visão conjuntural sobre a formação da identidade negra. Nesse sentido, uma postura pluralista é imprescindível.

A melhor maneira de buscar a complexidade e produzir descrições densas e úteis dos fenômenos sociais, psicológicos e educacionais, ao mesmo tempo em que se evita o reducionismo das ciências sociais, dá-se mediante o pluralismo (KINCHELOE; BERRY, 2007, p. 10).

Entendemos a netnografia como uma variação da etnografia tradicional adaptada ao ciberespaço. Objetiva “registrar a vida de um determinado grupo e, assim, implica a participação e a observação sustentadas em seu ambiente, sua comunidade ou sua esfera social” (CHARMAZ, 2009, p. 40).

Assim, ele consegue observar essa realidade, interpretá-la e descrevê-la com a densidade proposta pela Netnografia. “Ao tentar viver *com* e *como* um determinado grupo social específico para uma pesquisa netnográfica, o pesquisador parece debater-se com situações diversas que impossibilitam a aplicação de métodos ou técnicas já pré-estruturadas” (REBS, 2011, p. 82, grifo da autora).

Para a realização da pesquisa a postura do pesquisador é dividida em três momentos: o observador, o interagente e o descobridor. Por não ignorar o elemento subjetivo na observação e na interpretação dos dados, a Netnografia sugere a autoetnografia, que tem como uma de suas funções fornecer um elemento reflexivo para a compreensão dos múltiplos papéis do pesquisador a partir do momento em que ele se coloca no grupo a ser estudado, e como a sua presença influi nos resultados da pesquisa (REBS, 2011). Dessa forma, a prática da Netnografia, assim como toda escolha metodológica, fala muito da própria identidade do pesquisador, determinando os caminhos que ele percorre, justificando as escolhas realizadas.

Percebemos que a netnografia, aplicada especificamente aos estudos dos blogs, oferece como vantagens facilidades para a coleta de dados e o desdobramento da pesquisa com rapidez e amplitude da coleta e do armazenamento (no tempo e no espaço). Nessa abordagem, o enfoque é no fenômeno ou no processo que está sendo estudado, e não, no ambiente de pesquisa em si ou em seus procedimentos (CHARMAZ, 2009).

Para a compreensão do processo de (re)construção da identidade negra no ciberespaço foram analisados 7 blogs, identificados durante o período de realização da pesquisa como os que apresentaram maior pertinência para a questão estudada,

aliada a análise dos blogs foram realizadas também entrevistas com os donos e usuários dos blogs. Depois de concluir a coleta dos dados, os discursos dos sujeitos e as atitudes dos (ciber)sujeitos foram interpretados, como proposto pelo Netnografia, a partir de uma “triangulação proveniente de interpretações baseadas em teorias e dados coletados anteriormente pelo pesquisador” (REBS, 2011, p. 95).

### **3 NAVEGANDO NA WEB E APORTANDO NOS BLOGS: A PRODUÇÃO E O CONSUMO DA INFORMAÇÃO NO CIBERESPAÇO**

Observamos que, com a possibilidade de horizontalidade trazida pela Web 2.0, é fácil criar laços, seja entre sujeitos e sujeitos, sujeitos e dados ou dados e dados. A tônica agora são as atitudes de cooperação ou colaboração, um modelo identificado como “arquitetura de participação” (SANTOS; CYPRIANO, 2011). Nesse cenário, os blogs representam um momento da Web 2.0 onde passamos a vivenciar uma redução na hierarquia da produção da informação, pois, para produzir conteúdo informacionais, não é mais exigido um conhecimento técnico específico.

Por meio das trocas de informações no ciberespaço é observável que é possível estabelecer laços entre os (ciber)sujeitos, contudo essa é apenas uma potencialidade no ciberespaço, e sabe-se que esses laços podem ser fracos ou fortes.

Vemos, então, que um número cada vez maior de usuários tem condições de criar conteúdos e liberdade para escolher qualquer tipo de conteúdo para tecer o seu ponto de vista. Contudo, para criar informações na web, o usuário precisa conhecer os pares e ser conhecido por eles. O (ciber)sujeito deve saber como se relacionar com os demais e saber quais são os tipos de informação que cada *nicho* cultural vai procurar. “Ou seja, o reconhecimento individual pelo coletivo condiciona posições mais ou menos privilegiadas de ação” (SANTOS; CYPRIANO, 2011, p. 13).

Podemos pensar no ambiente web - o ciberespaço - como uma cidade global. Essa noção, somada aos modos de relações do sujeito com a internet, possibilita que se pense esse espaço como um lugar concreto para a extensão das relações e, principalmente, para a formação de grupos e redes no espaço virtual, criando modelos que têm o potencial para influenciar cada vez mais as pessoas (STASSUM; ASSMANN, 2012).

O termo blog tem sua origem na expressão *weblog*, surgida no ano de 1997 e que, em uma adaptação para o português, poderia significar algo como registro cotidiano de atividade (ARAÚJO, 2006). Para Araújo (2006) os blogs podem ser

entendidos como uma coleção de links com comentários; diário online; *home page* pessoal na internet; ou página na internet com texto ou arquivos dispostos em ordem cronológica.

Os blogs, nesse contexto, podem ser como uma mídia, diferente das demais em seu caráter social, pois vai além de uma simples ferramenta de publicação, já que é um meio de comunicação, que publica informações para uma audiência; trata-se de um repositório de significados compartilhados por uma comunidade (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

Como artefatos culturais, eles são apropriados pelos usuários e constituídos através de marcações e motivações. Além disso, perceber os blogs como artefatos indica também a sua percepção como *virtual settlement* [ciber-lugar], uma vez que são eles o repositório das marcações culturais de determinados grupos e populações no ciberespaço, nos quais é possível, também, recuperar seus traçados culturais (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 32).

Sob a perspectiva da Ciência da Informação, os blogs são entendido como fontes de informação, uma vez que disponibilizam textos, vídeos, fotos, músicas, entre outros. Santos e Cypriano (2011) afirmam que os blogs são uma “espécie de desagregadores que distribuem a interação entre as pessoas que estão espalhadas no espaço e não necessariamente se encontram congregadas no mesmo momento” (SANTOS; CYPRIANO, 2011, p. 14). Entendemos, a partir dessa afirmação, que devemos ter cuidado ao trabalhar com os blogs, pois, por mais que eles reúnam (ciber)sujeitos em torno de informações específicas, podem configurar-se, ao mesmo tempo, como lugar e não lugar.

Podemos conceber os blogs como fontes de informação. Nesse sentido, Tomael *et. al.*(2001) afirmam que um dos principais aspectos a serem observados nas fontes de informações é a acessibilidade do usuário na busca e na recuperação das informações, visando, como sugere Figueiredo (1999), atender aos indivíduos com necessidades informacionais únicas e com características educacionais, psicológicas e sociais também únicas.

Ao refletir sobre as considerações de Tomael *et. al.* (2001) e Figueiredo (1999), verificamos que os blogs atendem aos critérios citados e tanto podem ser uma ferramenta da web, cuja acessibilidade é facilitada por estarem online durante 24 horas, quanto acessados de qualquer lugar do mundo através da internet. Os blogs também atendem ao critério de organização da informação, porque seus *posts* ficam disponibilizados, em ordem cronológica decrescente, e seus donos ainda

podem criar índices, a partir de palavras-chave inseridas nos posts, e/ou criar nuvens de tags<sup>1</sup>.

Ao observar a blogosfera, verificamos que, atualmente, os blogs extrapolam a função de simples diários online. Eles não são mais usados apenas com fins de entreter, já que informam e educam.

Diante disso, um novo meio de divulgação na internet vem sendo utilizado por muitos: os blogs o qual se trata de uma ferramenta onde as informações são disponibilizadas e podem ser acessada de qualquer local de maneira simples, sem deixar de mencionar o quanto é fácil de criar essa ferramenta de divulgação e que cada vez vem se formando e crescendo uma rede de blogueiros desenvolvendo assim uma cadeia de blogs interligados que podemos chamar de blogosfera (OLIVEIRA; SANTOS, 2011).

De acordo com Montardo e Passerino (2006), o conteúdo dos blogs pode ser compreendido na perspectiva de explicitação dos próprios dilemas e reajustes dos processos. “Assim, o uso de *blogs* pode ser eficaz na *tomada de consciência* desses dilemas e na busca concreta de soluções, seja, pelo compartilhamento, seja pela autorreflexão daí decorrente” (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p. 3). Portanto, o blog seria, sob o ponto de vista midiático, a personalização do seu autor, que fortalece a expressão do indivíduo em público. A expressão da individualidade é tomada como uma qualidade da apropriação, logo, os “blogs são formas de publicação diferenciadas porque tornam uma forma de apropriação do ciberespaço como modo de expressar a identidade de seus autores” (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009, p. 34).

Os blogs podem ser divididos em três diferentes categorias: 1) de acesso público; 2) de acesso restrito a um grupo específico; e 3) de acesso restrito ao (s) seu (s) criador (es). Para postar comentários nos blogs, a divisão é a mesma da referida antes, e os donos dos blogs têm o poder de exercer moderação sobre todos os comentários.

Os blogs são fontes de informação que podem atingir um alto grau de especificidade e satisfazer às necessidades de informação dos mais diversos usuários/(ciber)sujeitos. Para entender bem mais a produção da informação nos blogs, traçamos um paralelo com o pensamento de Ortiz (1983), dessa maneira, vemos um(a) blogueiro(a) como um indivíduo que se insere em um contexto específico, que investe em um capital cultural, para ser reconhecido/a e/ou aceito/a por uma comunidade específica.

---

<sup>1</sup> Representação visual das palavras-chave criadas pelos usuários.

Os blogs criam hoje um espaço de interação social, formador de uma rede social que possibilita a troca dos mais diversos tipos de informação. Dessa forma, os blogs operacionalizam-se como dispositivos que fortalecem a construção de identidades, seja essa ou não a intenção do blogueiro. É possível identificar informações que podem ser lidas como de cunho político, que impele o (ciber)sujeito a fazer um posicionamento. E é nesse espaço onde a informação étnico-racial e a musical são possíveis nesse tipo de apropriação.

#### **4 IMERSÃO NA (CIBER)CULTURA: TECENDO UMA REDE CONCEITUAL**

Para a compreensão dos blogs de funk como elemento na construção da identidade negra fazemos uma reflexão a partir dos Estudos Culturais (EC), campo do conhecimento cuja origem está na Inglaterra, ligado ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham (ESCOSTEGUY, 1999). Nessa postura de estudos, a crítica exerce um papel de centralidade, entendida como uma forma de reflexão, procedimentos pelos quais outras tradições são acordadas, levando em consideração como elas podem contribuir quanto pelo que elas podem inibir (JOHNSON, 1999).

OS EC mostram uma predileção pelo enfoque qualitativo de pesquisa, pelos estudos etnográficos e pelas análises da mídia de massa, com destaque para as práticas de resistência no âmbito das subculturas (ESCOTEGUY, 1999). Aborda a cultura popular não apenas como um meio de submissão, mas também como um espaço de práticas compartilhadas e construídas dialeticamente. Nessa perspectiva teórica, todos os fenômenos sociais podem ser compreendidos pelo ponto de vista da cultura, evitando explicações puramente economicistas, mas não as excluindo, para se refletir sobre as questões relativas ao racismo, uma vez que se entende que a reflexão cultural lança um olhar conjuntural sobre a problemática.

Entende-se aqui que a cultura passa a ser um conjunto de práticas que permeiam toda a sociedade e que são produzidas por relações de poder. As reflexões sobre ideologia e hegemonia também desempenham papel de suma importância nos Estudos Culturais, em que se identifica uma tendência ao questionamento de hierarquias entre as práticas culturais, que são “estabelecidas a partir de oposições como cultura ‘alta’ ou ‘superior’ e ‘baixa’ ou ‘inferior’” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 19).

Escosteguy (2010), refletindo sobre a evolução dos Estudos Culturais, elege os eixos mais trabalhados atualmente:

Salientamos que as pesquisas em que se adota a postura sugerida pelos Estudos Culturais estão ligadas a um contexto bastante específico, temporal, econômico, social, geográfico, por isso é exigida uma posição de cautela na apropriação dessa visão na realidade de uma pesquisa, que é sempre singular.

O trabalho, na área dos estudos culturais, aceita sua parcialidade [...] é abertamente incompleto e partidário em sua insistência quanto às dimensões políticas do conhecimento. [...] defenderíamos que o projeto dos Estudos Culturais está sempre marcado, em algum nível, por um discurso de envolvimento social (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Mesmo sabendo que os Estudos Culturais não se resumem exclusivamente à questão da cultura popular, essa temática se configura como um eixo central em seu projeto. Nesse cenário a música popular emerge como objeto de estudo, uma vez que ela pode nos fornecer uma compreensão das formações sociais e das mais variadas culturas (PEREIRA, 2011).

Ao refletir sobre a música popular Pereira (2011) chama atenção para o papel dos ouvintes, que para a autora podem ser divididos em dois grupo: o “público majoritário passivo” e o “público minoritário activo”. Para ela,

um público maioritário passivo, cujos hábitos de audição poderiam ser caracterizados como indiscriminados encontrando-se na base de sua motivação o mero acto de consumo, e um público minoritário activo, cujos hábitos de audição derivariam antes de uma postura discriminatória e criticamente desenvolvida. (PEREIRA, 2011, p. 123).

Concordamos com Pereira (2011), ao afirmar que a maioria do público da música popular é passiva. Contudo, na visão da autora, mesmo que o ouvinte passivo exerça certo nível de criticidade, não fica evidente. Dessa forma, a nocividade da indústria cultural não seria tão pior quanto a indução e/ou coerção exercida por outras instituições como as igrejas ou o Estado. Salientamos, então, a necessidade de se tentar evitar juízos de valores a respeito da música popular ou de gêneros musicais específicos.

Defendemos que compreender a música popular em um âmbito social é de fundamental importância para se entender o funcionamento da sociedade contemporânea. Além disso, vemos a música popular através de sua “onipresença” nessa sociedade como um catalisador de diversos processos, entre os quais, destacamos o processo de construção identitária.

Uma das outras facetas da noção de cultura que se mostra pertinente as nossas reflexões é o termo cibercultura. Para entendê-lo, recorremos a Lévy (2000), que trata desse termo sempre associado ao termo ciberespaço, que representa um lugar onde os sujeitos, sobretudo os jovens, podem experimentar, coletivamente,



formas de comunicação diferentes das mídias clássicas. A evolução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) traz a abertura para novos espaços de comunicação a serem explorados pelos sujeitos e reconfigura as relações políticas, econômicas, culturais e humanas (LÉVY, 2000). A cibercultura pode ser pensada como uma “cultura mutante”, nascida como um produto das diferentes formas de cultura que surgiram antes dela, “que se constrói na indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 2000, p. 15).

A cibercultura nos coloca em uma posição em que confrontamos nossa própria liberdade, assim como nossa responsabilidade (LEMOS, 2002). Nesse sentido, com essas novas ferramentas, temos acesso praticamente irrestrito aos mais variados tipos de informação. Aqui é criado um contexto onde, antes de tudo, é preciso ponderar sobre as fontes e as possibilidades advindas com elas. Pode-se pensar, então, na cibercultura como a bandeira das tecnologias da liberdade, uma tecnologia “retribalizante”, que professa a democratização do acesso, agregação social.

## **5 A IDENTIDADE NEGRA**

Sabe-se que, no Brasil, assim como em muitos outros países, os indivíduos identificados como negros ou que exibem fenótipos negroides (características físicas como o tipo do cabelo, cor da pele, forma do nariz e lábios, entre outras) são vítimas diárias da discriminação (MOTA, 2012). Como forma de lutar contra esse fenômeno que persiste no imaginário brasileiro, vemos uma saída nas ações afirmativas, especificamente na afirmação da identidade negra, porque entendemos que se afirmar como negro/a ajuda a desconstruir a imagem do/a negro(a) como um ser inferior, feio ou dotado somente de força física.

Procurando empregar de forma responsável o termo identidade, adotamos o olhar do antropólogo Kabengele Munanga (1994), para quem

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (MUNANGA, 1994, 177-178).

São muitos os fatores que influem no processo de construção e/ou consolidação identitária. Mas, a princípio, sentimos a necessidade de observar com

mais atenção a relação entre memória e identidade. Essa necessidade é salientada pelo antropólogo Joël Candau (2011, p. 9), quando afirma que “os conceitos de memória e identidade são fundamentais para qualquer um que tenha algum interesse no campo das Ciências Humanas e Sociais”.

No decorrer dessa discussão, somos movidos por um questionamento: o que é memória? Adotamos o conceito tecido pelo historiador Jacques Le Goff (2003), em que ele concebe a memória como um “elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 476). A partir dessa concepção, entendemos que a formação da identidade está subordinada à memória individual ou à memória coletiva. Fragoso (2008) diz que memória e identidade são inseparáveis, porque a primeira constrói a identidade que se manifesta como existência da memória. Ambos os fenômenos estão sempre ligados, embora sejam distintos.

Tanto a identidade como a memória são construídas em um espaço histórico e se caracterizam por um movimento contínuo, um processo infinito, que se renova na cotidianidade dos grupos sociais, ao mesmo tempo em que estão sujeitas à corrosão do tempo, ao esquecimento e à destruição. Ambas precisam ser construídas e preservadas para o presente e o futuro, como subsídio para a história, em um constante processo de destruição e reconstrução, adaptando-se às novas contextualidades histórico-culturais. Devemos pensar memória e identidade como um processo em andamento e não como uma coisa acabada (FRAGOSO, 2008, p. 40).

Inferimos, então, que, individual ou coletiva, a construção da identidade está sempre fundamentada numa relação de trocas entre o indivíduo e a sociedade, e é a memória, com ênfase na coletiva, que irá proporcionar ao indivíduo o sentimento de pertencimento que possibilitará a construção de sua identidade. A identidade emerge “do diálogo entre os conceitos e as definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo (consciente e inconsciente) de responder aos apelos feitos por esses significados, de sermos interpelados por eles” (HALL, 1997, p. 8).

Para Munanga (2012), a construção da identidade é feita de forma objetiva, devido ao conjunto de características culturais e linguísticas, e de forma subjetiva, que é a maneira como o próprio indivíduo ou grupo se define frente aos outros indivíduos ou grupos. Podemos inferir que o processo de construção da identidade tem início com a tomada de consciência dos indivíduos das diferenças entre o “eu” (identidade individual), o “nós” (identidade coletiva) e os “outros” (MUNANGA, 2012).

Canclini (2007) complementa esse pensamento afirmando que, nas sociedades contemporâneas, as identidades formam-se por meio de processos interétnicos e internacionais, em meio aos fluxos criados pelas TIC e às corporações multinacionais; globalização, imagens e informações criadas para serem distribuídas pelas indústrias culturais (CANCLINI, 2007), nesse contexto nos lembramos dos blogs, que espaço onde esses fluxos de informações podem contribuir para a constrição da identidade.

Wanderley (2009) assevera que o entendimento da identidade requer alguns outros conceitos. São os conceitos de história, de cultura e de memória. Já para Munanga (2012), existem três fatores fundamentais para a construção da identidade: o fator histórico, relacionado à problemática da memória; o linguístico, que estaria dentro dos códigos culturais; e o psicológico, responsável pela tomada da consciência.

Toda identidade é cultural. O que é pessoal é cultural. O homem está norteado por energias positivas e negativas, que formam uma síntese cultural. Positiva e negativa porque a cultura não é neutra, ela é um jogo, uma negociação, em que os seus agentes selecionam alguns de seus aspectos, aprendem a conviver com ela e a se apropriar dela para manter a luta das tradições culturais, que passam pelo processo de “atualização temporal”, sendo a tradição uma tradução, interpretação e reconstrução do que se diz ser a tradição (WANDERLEY, 2009, p. 113).

Podemos constatar que a construção da identidade está sujeita a uma séria de variantes, contudo, quando falamos especificamente na identidade negra, observamos que, no Brasil, construir uma identidade étnico-racial é lutar contra um mito, que termina por se tornar uma ideologia dominante, a Democracia Racial<sup>2</sup> que, durante muitos anos, passou e continua passando uma imagem de relações sempre cordiais entre negros (as) e brancos (as), mascara os problemas relacionados a racismos, a discriminações e a preconceitos e retarda debates sobre o multiculturalismo no Brasil (MUNANGA, 2003).


## 6 OS BLOGS DE FUNK: UM ESPAÇO DE IDENTIDADE

Usamos o mapeamento realizado por Silva Júnior (2014) para identificar quais os blogs de funk seriam pertinentes para análise, sistematizados nos quadro 1.

**Quadro 1 - Principais blogs de funk**

<i>Nome do blog</i>	<i>Endereço</i>	<i>Homepage</i>
---------------------	-----------------	-----------------

<sup>2</sup> O Brasil é o país que se intitula como sendo o primeiro país a viver a democracia racial, defendendo a ideia que os diferentes grupos étnicos vida em condições de igualdade.

<p><i>APAFUNK (Associação dos profissionais e amigos do funk) Clássicos do Funk</i></p>	<p><a href="http://www.apafunk.blogspot.com.br/">http://www.apafunk.blogspot.com.br/</a></p> <p><a href="http://www.classicosdofunk.net/">http://www.classicosdofunk.net/</a></p>	
<p><i>Eternamente Funk Melody</i></p>	<p><a href="http://eternamentefunkmelody.blogspot.com.br/">http://eternamentefunkmelody.blogspot.com.br/</a></p>	
<p><i>Funk Ostentação Downloads</i></p>	<p><a href="http://funkostentacaodownloads.blogspot.com.br/">http://funkostentacaodownloads.blogspot.com.br/</a></p>	
<p><i>Funk Proibidão</i></p>	<p><a href="http://funk-proibidaorj.blogspot.com.br/">http://funk-proibidaorj.blogspot.com.br/</a></p>	
<p><i>Retro Funk Carioca</i></p>	<p><a href="http://www.humbertodiscofunk.com/">http://www.humbertodiscofunk.com/</a></p>	
<p><i>Rio Baile Funk</i></p>	<p><a href="http://www.riobailefunk.net/blog_pt/">http://www.riobailefunk.net/blog_pt/</a></p>	

**Fonte:** Elaborada pelo pesquisador

É notável que os blogs diferem muito uns dos outros observação desses blogs aponta para a existência de grandes divergências nele, tanto em relação a sua arquitetura quanto aos conteúdos produzidos, mesmo que a ocorrência de álbuns, playlists e músicas para download seja frequente em quase todos eles. Quanto à arquitetura dos blogs, alguns exibem uma homepage mais simples baseada nos modelos fornecidos pelo *host*<sup>3</sup>.

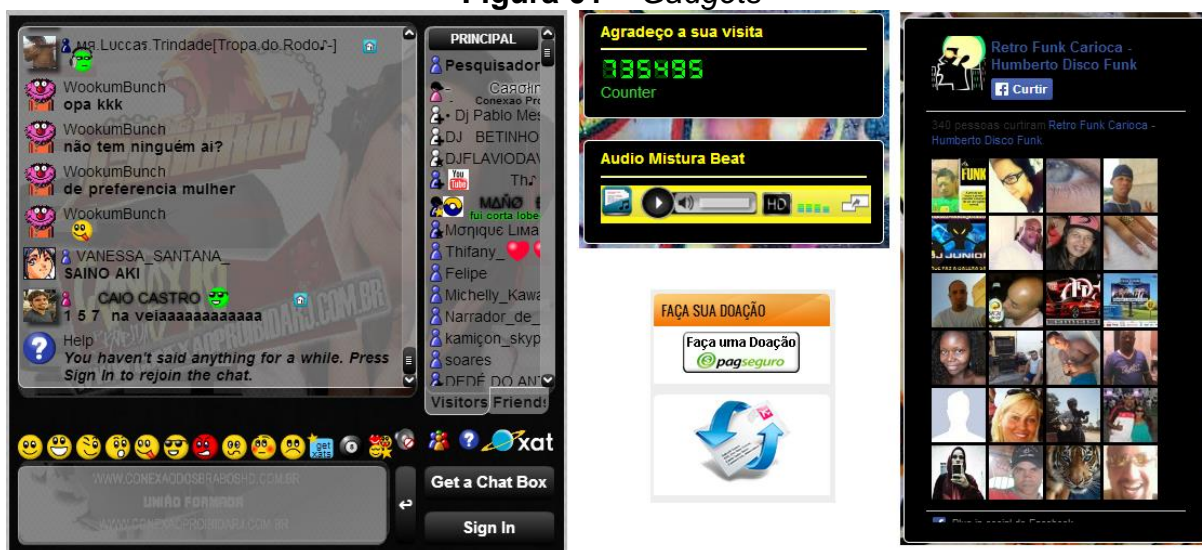
Dos blogs analisados o blog Eternamente Funk Melody é o que apresenta um nível menor de elaboração em sua interface, apresentando o modelo básico oferecido sem nenhum tipo de customização além da inserção de algumas imagens. Os demais blogs que identificamos foram todos desenvolvidos por designers. O

<sup>3</sup> Site responsável pela hospedagem, Blogger, Wordpress, entre outros.

artista responsável pela criação é identificado, mas isso não ocorre em todos os blogs, porquanto não apresentam muitas semelhanças entre si.

Um traço presente em quase todos os blogs é a presença de *gadgets*<sup>4</sup>. As mais frequentes são as rádios online, seguidas pelos *chats*, janelas para “curtir” a página do blog no Facebook, seguir em outras redes sociais digitais como o Twitter ou o Instagram. Alguns blogs apresentam *gadgets* bem peculiares, como o blog Clássicos do Funk, que oferece aos visitantes e/ou seguidores a opção de fazer doações em dinheiro para manter o blog e permanecer nele. Os *gadgets* possibilitam, entre outras coisas, uma interação direta entre os leitores com outros leitores assim como com os donos e/ou colaboradores dos blogs, outros *gadgets* funcionam como rádios online, que podem executar uma programação pré-estabelecida ou em alguns casos tratam-se também de um programação ao vivo onde os (ciber)sujeitos podem pedir músicas em tempo real. Alguns desses dispositivos podem ser vistos na Figura 01.

Figura 01 – Gadgets



Fonte: Elaborada pelo pesquisador

Ainda em relação à arquitetura dos blogs, constatamos que há um uso exagerado dos *gadgets*, o que gera um excesso de informações que prejudica a navegação dos (ciber)sujeitos, de forma que eles se apresentam com “uma cara” que se enquadraria no *kitsch*, principalmente os que não são desenvolvidos por *designers*.

<sup>4</sup> Dispositivos.

Alguns desses blogs operam em colaboração com movimentos sociais e, além de promover bailes e outros tipos de festa, promove ações culturais como oficinas e saraus. Alguns desses blogs se configuram como parte de portais, como por exemplo, o a APAFUNK e o do Rio Baile Funk, que disseminam, em diversos tipos de mídia, vídeos e *podcasts*<sup>5</sup>, com notícias do cenário musical brasileiro, eventos e projetos sociais, criando um espaço de disseminação da informação musical e étnico-racial.

Nas postagens aboservadas desses blogs, identificamos uma grande densidade de informações musicais, como é de se esperar o eixo central dos blogs de funk é o compartilhamento da música. Grande parte deles tem o objetivo de disseminar *remixes* e álbuns para download. Como uma opção à pirataria, constata-se um aumento de aplicativos, como o Soundcloud e o Spotify, onde os (ciber)sujeitos podem escutar online, sem infringir a lei de direitos autorais. Também é considerável o número de MCs que disponibilizam suas próprias composições como forma de divulgar seu trabalho.

Ainda refletindo sobre a tipologia informacional encontrada nas postagens, identificamos que a ocorrência da informação étnico-racial não acontece de maneira consciente pelos donos e colaboradores, ela está presente nos blogs mas não ocupa destaque nas postagens. Assim, levando em consideração o histórico do gênero, os principais expoentes e as regiões onde tem mais adesão, era esperada uma quantidade maior de informações étnico-raciais, especificamente sobre a população negra, que relatasse o cotidiano vivido nos bairros de periferia, onde o funk foi e ainda é consumido em maior escala.

Além de divertir, os blogs trazem discursos que denunciam questões diversificadas, como o funk ostentação, que centra suas letras em festas e um estilo de vida desejado, esse subgênero do blogs ocupa um grande espaço na blogsfera, funk ostentação também retrata os desejos dos indivíduos pertencentes a determinado seguimento da sociedade que almejam, entre outras coisas, uma ascensão social, como uma forma de reconhecimento a partir de desejos instigados pelo próprio funk, assim como a indústria cultural de uma forma geral, ou seja, o funk ostentação fala do cotidiano, porém do cotidiano de poucos, um cotidiano que fica apenas no desejo dos seus ouvintes. Ressalte-se, contudo, que o crescimento dessa corrente não descaracteriza o movimento como uma forma de dar voz a um

---

<sup>5</sup> Arquivos digitais de áudio.

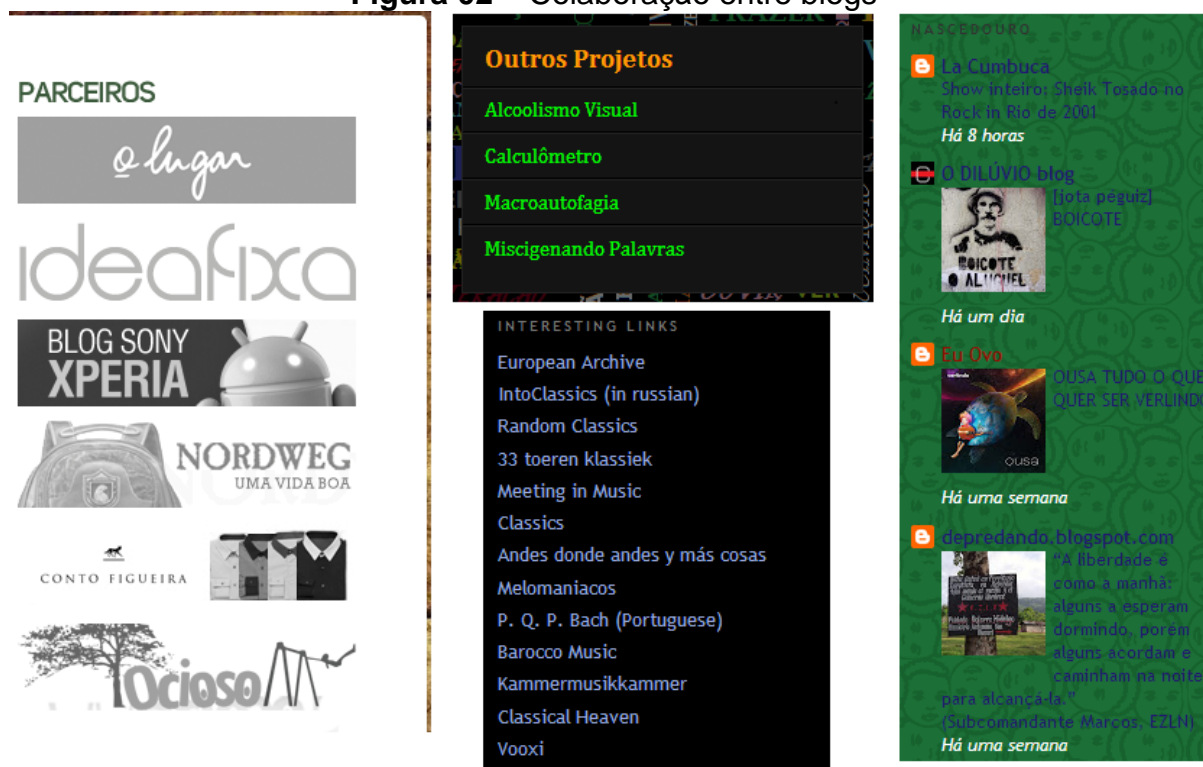
grupo que é marginalizado na sociedade, proporcionando a oportunidade de se divertir e, ao mesmo tempo, fazer críticas às condições vividas na periferia.

Em outra direção ocorre também nos blogs de funk músicas com letras que denunciam a violência policial e/ou sexual, falam de questões relativas a religiosidade, e questões como o discurso sobre as relações de gênero e o feminismo começam a emergir nas letras e blogs de funk.

Em alguns dos blogs foi observado que os blogueiros mostraram conhecer não só o funk como também suas potencialidades, principalmente como um espaço que estimula a igualdade entre os membros das favelas. É interessante notar que a maior parte dos (ciber)sujeitos frequentadores desses tipos de blog dissociam completamente a história e as práticas do funk brasileiro do norte-americano do qual ele se originou. Em momento algum, são estabelecidas ligações entre as duas correntes ou entre artistas como James Brown, que é identificado como o criador do funk, embora o funk brasileiro ainda conserve algumas das características do funk norte-americano como o sentimento de alegria, uma música feita para divertir (SILVA JÚNIOR, 2010).

É uma prática comum, em quase toda a blogosfera, que blogs sejam articulados de forma a compor uma rede, independentemente do gênero do blog. A parceria com ele é rotineira, como podemos observar na Figura 02:

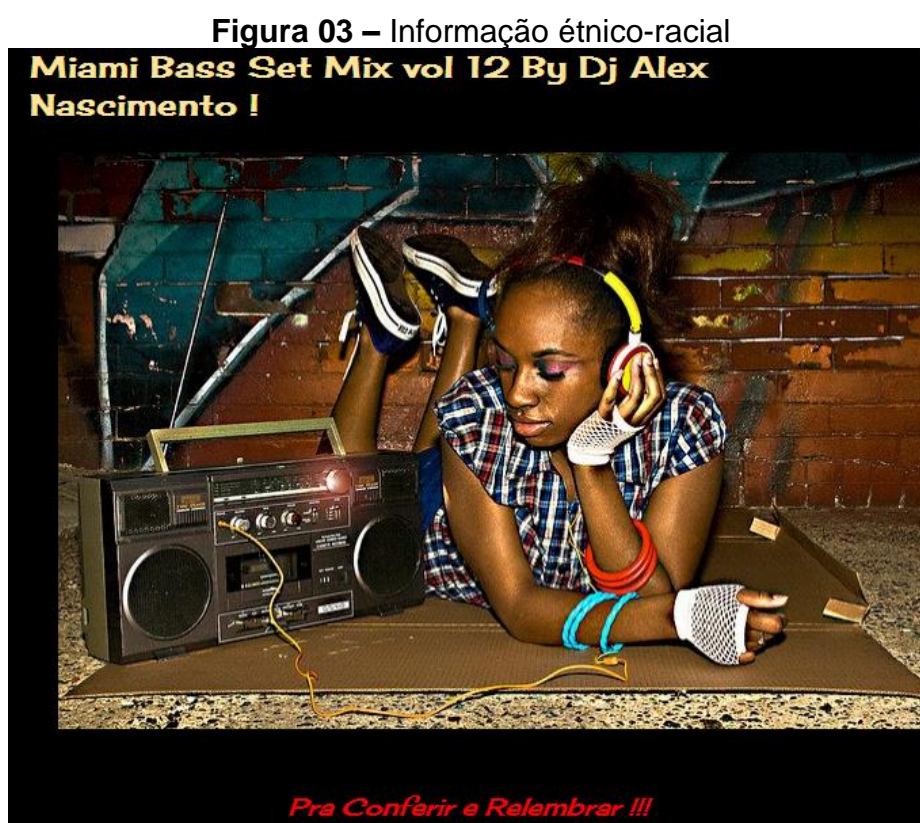
**Figura 02 – Colaboração entre blogs**



**Fonte:** Elaborado pelo pesquisador

A maioria dos blogs de funk aparece como uma exceção a essa prática. Vimos que os blogueiros voltam a sua atenção para a criação de conteúdos de uma forma individual, embora tenhamos conseguido identificar alguns poucos blogs que fazem parcerias. De todos os que identificamos como os principais blogs de funk, apenas dois fazem recomendações de outros blogs, como o Eternamente Funk Melody e o Retro Funk Carioca. Os demais trabalham de forma isolada.

Em nossa observação, a informação étnico-racial é um elemento sempre presente, porém aparece de forma mais frequente no texto visual podendo não ser percebida de forma ativa pelos (ciber)sujeitos, podemos perceber a ocorrência desse tipo de informação na figura 03.



**Fonte:** Blog Eternamente Funk Melody

Lemos imagens como essas publicadas nos blogs como informação étnico-racial, que promove a afirmação de uma imagem positiva dos negros e das negras e que não passam uma necessidade de se encaixar em padrões estéticos embranquecedores, pelo contrário, nessa imagem, vemos um reforço da estética da cultura da Black Music, identificados pelos headphones da modelo, o som ao lado



dela e o grafite como plano de fundo, todos elementos amplamente usados pelo movimento hip hop.

Notamos que o processo de apropriação da informação em blog, de maneira geral, não acontece de forma consciente, porquanto os (ciber)sujeitos costumam acompanhar as postagens e, a partir delas, fazer a escuta do funk, desde as músicas que compõem o cenário clássico do gênero até os últimos lançamentos.

Embora continue proferindo discursos politizados, a voz do movimento negro, bastante forte nas décadas de 70 a 90, com nomes como Tim Maia ou Tony Tornado, enfraqueceu dentro desse gênero. Mas é importante salientar que isso não exclui sua existência desse tipo de informação nos blogs de funk.

Fica evidente para nós que os blogs funk, hoje, teria como papel fundamental o de entreter, contudo, ainda pode ser lido como um veículo de informação, que pode disseminar informações dos mais diversos tipos, o que inclui a informação étnico-racial.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em síntese, no Brasil, a afirmação de uma identidade negra é necessária porque esse grupo, embora constitua parte significativa da população brasileira, é diariamente vítima do racismo, da discriminação e do preconceito, seja ele de forma explícita ou velada.

Assim, no Brasil, para se construir uma identidade negra, é necessário integrar um movimento de resistência. Sobre esse aspecto, é importante registrar que, quando lutamos por uma identidade negra, somos acusados de criar uma autodiscriminação ou também um racismo do negro/a contra o branco/a. Portanto, podemos afirmar que a identidade negra é construída “por uma trajetória de luta, de direitos negados, de trabalho, de construção de saberes e de estudos. Assim também são identidades políticas” (WANDERLEY, 2009, p. 138).

Fazendo uma retrospectiva é observável que avanços foram dados no tocante a população negra e no enfrentamento ao racismo, como por exemplo, como a criação de mecanismos de ações afirmativas, o sistema de cotas raciais. Contudo, ainda estamos longe de viver uma sociedade livre do racismo, da discriminação e do preconceito. Acreditamos que uma das maneiras de lutarmos por mais mudanças em prol da população negra é construindo uma identidade negra, que se oponha à ideologia disseminada pelo mito da democracia racial, para que possamos viver o multiculturalismo ou, até mesmo, o interculturalismo.

Os efeitos do racismo ainda são muito fortes, e uma das maiores dificuldades dos que lutam contra ele é a própria identificação do fenômeno, uma vez que ele está presente em todos os segmentos da sociedade de forma mascarada e são poucas as vezes em que se apresenta de forma explícita. Esses efeitos também podem ser vistos na hesitação de alguns sujeitos em se identificar como negros ou negras. A construção de uma identidade negra como uma forma de resgatar a autoestima de uma população que ainda é marginalizada e carrega os estigmas da escravidão criminosa, assim como padrões estéticos de beleza eurocêntricos e embraquecedores que sentenciam o negro e a negra a serem rotulados como feios, preguiçosos ou simplesmente pertencentes a uma classe inferior. Vemos, na consolidação de uma identidade negra, outra forma de ressignificar a autoimagem de um ponto de vista positivo.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella (Orgs.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ARAÚJO, Artur Vasconcelos. **Weblog e jornalismo**: os casos de no mínimo weblog e observatório da imprensa (Bloi). 2006. 582 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Bookman; Artmed, 2009.

CONCEIÇÃO, Helenise da Cruz; CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. A construção da identidade afrodescendente. **Revista África e Africanidades**, ano 2, n. 8, fev. 2010.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Ed. virtual. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Paradigmas modernos da ciência da informação**: em usuários, coleções, referência e informação. São Paulo: Polis; APB, 1999.

FRAGOSO, Ilza da Silva. **Instituições-memória**: modelos institucionais de proteção ao patrimônio cultural e preservação da memória na cidade de João Pessoa. 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2: p. 15-46, jul./dez. 1997.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2002.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KINCHELOU, Joel L.; BERRY, Kathleen S. **Pesquisa em educação**: conceituando a bricolagem. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et. al. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: 34, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. Estudos dos blogs e da netnografia: possibilidades e limitações. **Novas tecnologias na educação**, Porto Alegre: CINTED-UFRGS, v. 4, n. 2, dez. 2006. Disponível em <<http://redessociaiseinclusao.pbworks.com/f/MontardoPasserinoRenote.pdf>>. Acesso: 25 ago. 2011.

MOTA, Ana Roberta de Sousa. **Memória iconográfica**: uma análise da representação das imagens fotográficas de negros/as nas universidades públicas do estado da Paraíba. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)– Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 3., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PENESB, 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. **Negritude**: usos e sentidos. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Cultura Negra e Identidade).

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. **Afrodescendência, memória e tecnologia**: uma aplicação do conceito de informação étnico-racial ao projeto “A Cor da Cultura”. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVERA, Anagéssica Fernandes Nonato de; SANTOS, Edilânia Paulo dos. Blogosfera: blog como fonte de informação. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, São Luís. **Anais...** São Luís, 2011. Disponível em <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/BLOGOSFERA%20blog%20como%20fonte%20de%20informa%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em: 02 set. 2011.

ORTIZ, R. **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

PEREIRA, Sónia. Estudos culturais de música popular: uma breve genealogia. **Exedra**, Coimbra, n. 5, 2011.

REBS, Rebeca Recuero. Reflexão epistemológica da pesquisa netnográfica. **Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília**. Brasília, nº 8, jan./jun., 2011.

SANTINI, Rose Marie; LIMA, Clóvis Ricardo M. de. **Difusão de música na era da internet**. Disponível em <<http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/pdf/ClovisMontenegroDeLimaRoseSantini.pdf>> Acesso: 05 nov. 2010.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Blogs e Wikis: duas formas de colaboração em redes sociais. **Revista Ciência em Movimento**, ano XIII, nº 26, jan./jun. 2011.

SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco da. **A informação musical como possibilidade de construção da identidade afrodescendente na cibercultura**. 2010. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

\_\_\_\_\_. **A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk**. 2014. 105f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

STASSUN, Cristian Caê Seemann; ASSMANN, Selvino José. O desejo de ser notado e encontrado na internet. **Cadernos de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**, Florianópolis, v. 13, n. 102, p. 153-177, jan./jun. 2012.

TOMAÉL, Maria Inês *et. al.* Avaliação de fontes de informação na internet: critérios de qualidade. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 13-35, 2001. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/>>. Acesso em: 7 maio 2007.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. **A construção da identidade afrobrasileira nos espaços das Irmandades do Rosário do sertão paraibano**. 2009. 258 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.